

Panhar Flor como Oralitura: caminhos para inserir a coprodução de conhecimento sobre sempre-vivas no tempo-espiralar

Rebeca Viana¹; Paulo Takeo Sano¹; Paula Leão²

1 - Universidade de São Paulo

2 - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

A pesquisa foi realizada no contexto de iniciativas de cultivo da sempre-viva pé-de-ouro (*C. Elegans*, Eriocaulaceae) – espécie inserida na Lista Vermelha - por apanhadoras de flores que possuem terreno no interior do Parque Nacional das Sempre-Vivas (PNSV). No ano de 2022, a comunidade familiar do sítio Durães (Buenópolis, MG) buscou a gestão do PNSV em busca de parceria para plantar pé-de-ouro. Mais do que obter autorização da Unidade de Conservação, queriam parceria para plantá-las da forma como o patriarca de Durães as cultivava. Buscou-se delinear a pesquisa por meio da seguinte pergunta: O que a busca de dona Preta por reencenar as memórias de seu pai e o manejo da pé-de-ouro pode nos revelar sobre as relações das apanhadoras de flor e as sempre-vivas na Serra do Espinhaço? Toma-se como referencial teórico os conceitos de oralitura, ancestralidade e tempo espiralar da intelectual mineira Leda Maria Martins. A abordagem metodológica foi a Pesquisa Participante, sendo as ferramentas de pesquisa revisão bibliográfica, diários de campo e notas fotográficas. A partir da triangulação dos dados, constrói-se a possibilidade de compreender a "panha" de flor como oralitura inscrita na Serra do Espinhaço, sendo a pé-de-ouro elemento mediador da ancestralidade e suas tecnologias relacionadas à biodiversidade e o sítio Durães elemento que compõe o espaço-tempo espiralar dos Povos e Comunidades Tradicionais da Serra do Espinhaço. Apresentaremos um quadro conceitual "sistema socioecológico sempre-vivas" – baseado na figura de um prisma - que nos ajuda a compreender a possibilidade de romper com a linearidade das epistemes ocidentais. As quatro faces do prisma são igualmente importantes e devem ser articuladas para as decisões metodológicas/pedagógicas nas iniciativas de coprodução de conhecimento junto às apanhadoras e apanhadores de flor. As faces são compostas pelos conceitos de ancestralidade, oralituras, escala de tempo dentro do tempo espiralar e acordos éticos e valores bem estabelecidos. Assim como um prisma – que por meio separara a luz branca nas sete cores do espectro visível – tal perspectiva possibilita visibilizar as multidimensionalidades da pé-de-ouro possibilitando práticas em biodiversidade focadas em iniciativas e inovações de conservação e justiça epistêmica.

Palavras-chave: Apanhadores de flor; Oralituras; Sempre-vivas; Espinhaço Mineiro; Unidades de Conservação.